

Daniela Cristina Matos Borges

O Saci e a Globalização

CELACC/ECA-USP
2012

Daniela Cristina Matos Borges

O Saci e a Globalização

Trabalho de conclusão do curso Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos do Centro de Pesquisas em Cultura e Comunicação (CELACC), da Universidade de São Paulo. Orientador: Prof. Dr. Silas Nogueira.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos colegas da turma B que tornaram todos os sábados de aula tão menos pesados e tão divertidos e a todos os professores do CELACC, especialmente ao Prof. Silas Nogueira.

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

RESÚMEN

| | |
|---------------------------------|----|
| INTRODUÇÃO | 5 |
| 1. O MITO DO ENCANTO | 6 |
| 2. MITO, CULTURA E GLOBALIZAÇÃO | 10 |
| 2.1 Mito | 10 |
| 2.2 Cultura | 11 |
| 2.3 Globalização | 14 |
| 3. O SACI GLOBALIZADO | 17 |
| 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 20 |

ANEXO

REFERÊNCIAS



O SACI E A GLOBALIZAÇÃO

Autora: Daniela Cristina Matos Borges¹

RESUMO

Este artigo levanta uma discussão a respeito da representação do Saci, utilizando relatos colhidos por Monteiro Lobato em 1917 e de um documentário realizado em 2005. Considerando aspectos como cultura, mito e globalização, o artigo discute de que forma e porque o Saci se descaracterizou de sua condição principal e se transformou num mito praticamente esquecido.

Palavras chaves: Saci, cultura, mito, globalização.

ABSTRACT

This article raises a discussion about the representation of Saci, using reports gathered by Monteiro Lobato in 1917, and a documentary made in 2005. Covering aspects such as culture, myth and globalization, the article discusses how and why the Saci was misered his condition and became a almost forgotten myth.

Keywords: Saci, culture, myth, globalization.

RESÚMEN

En este artículo se suscita una discusión acerca de la representación de Saci, mediante informes recogidos por Monteiro Lobato en 1917 y un documental realizado en 2005. Cubriendo aspectos como la cultura, el mito y la globalización, el artículo explica cómo y por qué el Saci se interpretó mal su situación se convirtió en un mito casi olvidado.

Palabras clave: Saci, la cultura, el mito, la globalización.

¹ Pós-graduanda em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos pelo Centro de Estudos Latino Americanos sobre Cultura e Comunicação (CELACC) da Universidade de São Paulo. Bacharel em Relações Públicas pela Faculdade Cásper Líbero. Orientador: Prof. Dr. Silas Nogueira.

INTRODUÇÃO

A globalização emerge com uma forte característica de promover acesso à informação, por meio, principalmente, das novas tecnologias. Isso faz com que as características históricas da cultura popular sejam dissolvidas e rapidamente substituídas por aquilo que se considera mais moderno e por isso, mais importante, mais bonito e característico de uma nação mais civilizada e inteligente.

Entretanto, essa consideração não leva em conta os elementos que compõem as raízes culturais de um povo, de uma região. A globalização traz uma tentativa de igualar todos num mesmo patamar, mas essa tentativa não se consolida pois não respeita as idiosincrasias nem a bagagem cultural de cada indivíduo.

Desse modo, e para encontrar alternativas de fuga para escapar dessa globalização, é preciso reconhecer o valor das raízes culturais de um povo e suas particularidades, para então encontrar uma nova forma de pertencimento global, que não menospreze, ou desconsidere, mas ao contrário, que valorize a cultura popular e a promova, ao invés de apenas aceitar o que lhe é trazido de fora, e que por isso não expressa uma legítima representação do popular.

Assim, este artigo pretende, discutindo com o Saci, explorar um tema, que apesar de já estudado, é de extrema relevância para a elaboração de políticas públicas voltadas ao fortalecimento da cultura popular brasileira, e demonstrar que a cultura brasileira pode se representar de uma forma “*encantatória*”, sem precisar recorrer aos mitos estranhos ao nosso meio e que não se encaixam na nossa representação de popular. Não se trata de uma desconsideração ou negação de outras influências culturais introduzidas no Brasil, mas sim de uma valorização do que nos é intrínseco.

1. O MITO DO ENCANTO

Saci é um derivativo. Ah Deus é muito sério, é muito arrogante, é muito mandão. A gente tem que fazer tudo o que ele manda, tudo o que ele quer. Então precisa de um derivativo mais amável, mais benigno, e o Saci é esse derivativo. Todos esses duendes menores, esses duendes assim que não tem o que fazer e ficam por aí fazendo arte, eles servem pra deixar a vida assim um encantatório, né?! A vida tem que ser encantada. Quem não tem imaginação pra sonhar coisas, sonha com o Saci. Então é o mito do encanto. (D. Ruth Guimarães Botelho¹)

Segundo Márcia Camargos (2005) o Saci é um mito brasileiro de origem Tupi Guarani, que surgiu no sul do Brasil, quase na fronteira com o Paraguai. Quando o Saci passou a fazer parte do imaginário dos negros escravos, ganhou características diferentes das que tinha originalmente: de branco com duas pernas, passou a negro com uma perna só. Na introdução do livro “O Saci-pererê: resultado de um inquérito”, de Monteiro Lobato, Camargos diz que *“produto da imaginação coletiva, ele [o Saci] representa, para Lobato, uma necessidade ‘psicológica’ de explicar inúmeros fenômenos cujas causas naturais escapam à compreensão das pessoas comuns”*. (2008, p. 16)

Ana Claudia Dale Vedove Goto define o mito como sendo o *“filho do inconsciente coletivo nacional é autêntica manifestação popular.”* (apud Azevedo, Camargo e Sachetta, 2008, p. 2)

Não existe uma única versão a respeito de como surgiu e como nasceu um Saci. Nem poderia existir, dada a diversidade cultural brasileira. Logo, nesse levantamento, mencionaremos algumas das versões apontadas no documentário “Somos Todos Sacys”, que foi realizado na região do interior e do Vale do Paraíba de SP, e que portanto, representam a caracterização do mito nas regiões citadas.

Alguns depoentes contam que o primeiro Saci era filho de uma escrava que engravidou de um fazendeiro rico. Quando o bebê estava para nascer, o fazendeiro se preparou para atirar na perna da criança, mas o bebê já nasceu com uma perna só. Havia também outra escrava grávida do mesmo fazendeiro, que também teve um bebê, desta vez uma menina, com uma perna só. O

fazendeiro então pegou os dois bebês e os levou para o mato, com a intenção de abandoná-los num formigueiro. Não encontrando formigueiro, o fazendeiro os deixou debaixo de uma árvore.

Percebendo a movimentação, os macacos que habitavam aquela mata, ficaram espiando para ver o que o fazendeiro ia fazer. Quando o fazendeiro foi embora, os macacos levaram os dois bebês para a toca. Quando as crianças já estavam adultas, embora continuassem pequenas em estatura, elas começaram a “bagunçar ali”² e então nasceram mais e mais sacis.

Outra versão, diz que o Saci nasce chocado nos gomos do Taguaçu, e que nas noites de ventania ouvem-se estalos e cada estalo é o nascimento de um saci. De cada Taguaçu nascem sete raças de Sacis diferentes e eles vivem por 77 anos.

Já uma terceira versão diz que o saci era um negro escravizado, que estava amarrado com grilhões e preferiu cortar a perna a viver amarrado. (Rudá K. Andrade, 2005)

Sobre a criação/nascimento do Saci, Goto diz que:

Outra tentativa de se explicar o mito parte da ideia de que os escravos que fugiam durante o dia e voltavam à noite em busca de alimento eram vistos como ‘aparições’ ou espectros noturnos. Também o mito pode ter sido criado para explicar esses furtos, evitando-se, assim, a punição severa. (2008: p. 8)

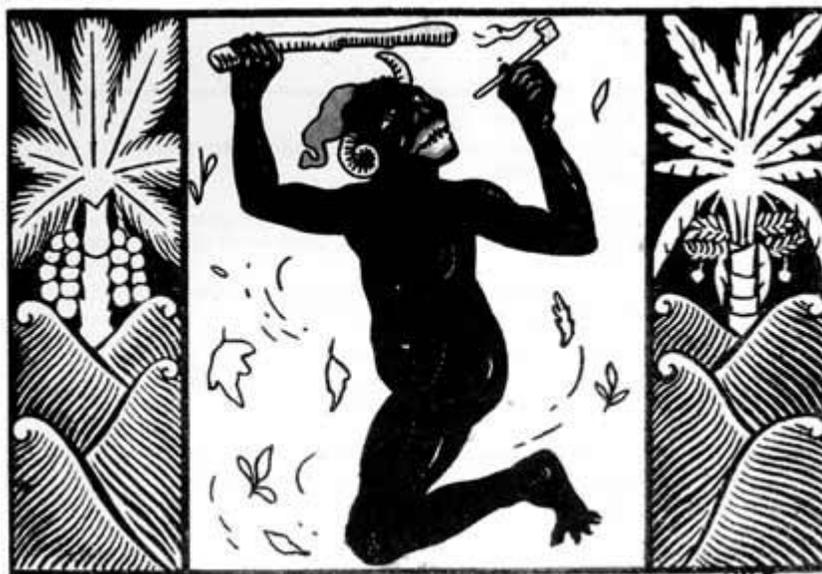


Ilustração da capa do livro *Saci-pererê: Resultado de um inquérito*, de Monteiro Lobato.

Fonte: <http://www.sosaci.org>

Outra fonte rica em depoimentos sobre o Saci, e bem mais antiga, é o livro “O Saci-pererê: resultado de um inquérito”, de Monteiro Lobato. Lobato escrevia para o jornal O Estado de S. Paulo e certa vez, ao passear pelo Jardim da Luz, intrigou-se ao ver anões europeus no verão brasileiro, assim escreve ele:

Um sujeitinho bilioso recém-chegado da selva selvaggia de Buquira, em passeio com um amigo pelo Jardim da Luz, parou diante dos anões de gorra, barbaçudos, entrajados à alemã, que por lá quebram a monotonia dos relvados. E disse filosoficamente:

- Como berra esta nota nibelúngica neste pastinho de grama, entre jerivás e jiçaras! E como um fato insignificante destes demonstra a nossa profunda covardia estética!

- Querias então...

- ... que estivesse aqui um Saci, por exemplo, um curupira, um papagaio, um macaco, uma preguiça, um tico-tico, um coronel – qualquer bicho enfim que não desafinasse com o ambiente, como desafina esse anão de Reno que treme de frio sob pesadas lãs enquanto os sorveteiros apregoam a dois passos daqui sua neve açucarada. (2008: p. 29)

Algum tempo depois disso decidiu realizar o inquérito, inaugurando “*uma série de estudos em que todos são chamados a colaborar*” (2008: p. 36), pedindo que os leitores lhe enviassem cartas relatando:

1º) Sobre sua concepção pessoal do Sacy; como a recebeu na sua infância; de quem a recebeu; que papel representou tal crendice em sua vida, etc.;

2º) Qual a fórmula atual da crendice na zona em que reside,

3º) Que histórias e casos interessantes ‘passados ou ouvidos’ sabe a respeito do Sacy. (2008: p. 39)

E assim o fizeram os leitores. Diferentemente do documentário utilizado como base para descrição do Saci, Lobato recebeu relatos de diversas regiões e cidades do Brasil. Segundo Goto (2008), alguns relatos têm características linguísticas de moradores do campo e outros de classes mais altas. Assim, não podemos concluir que o Saci estivesse presente no imaginário apenas do caipira, ou das classes mais simples.

Os relatos enviados para Lobato apontam suas características físicas e comportamentais.

Um dos depoentes diz que:

Ele era um negrinho muito magro, muito esperto, de uma perna só, do tamanho de um menino de 12 anos, muito feio, benguela, olhos vivos, rindo sempre um riso velhaco de corretor de praça, carapinha grande, a saltar e a saltar e a fazer peraltagens ruins. (2008: p. 45)

No documentário, dizem que ele brinca com as crianças, dá nós na crina dos cavalos, quando alguém está estourando pipoca, o Saci senta na tampa da panela e fica ali rezando. Quanto mais ele reza , mais a pipoca fica com piruá.



Ilustração de Voltolino

Fonte: <http://www.sosaci.org>

O Saci é descrito ora como um moleque travesso, ora como um ser assustador.

O inquérito realizado por Monteiro Lobato em 1917 e o documentário de 2005, embora estejam cronologicamente tão distantes um do outro, demonstram que o Saci representa um importante fator na construção da história mítica e cultural do povo brasileiro.

2. MITO, CULTURA E GLOBALIZAÇÃO

2.1 Mito

Joseph Campbell, estudioso dos mitos, afirma que “*Mitos são histórias de nossa busca da verdade, de sentido, de significação, através dos tempos*” (2001, p. 5). No entendimento popular, o mito representa uma história pouco provável de ser verdade, embora o povo a considere como tal.

O mito, no sentido conferido pelo senso comum, representa uma parte do imaginário popular. Geralmente são histórias que têm grande influência de aspectos culturais religiosos, e que se transformam ao longo do tempo, para se adaptarem às novas necessidades de significação e pertencimento cultural.

Para Mircea Eliade (2004)

O mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir seja uma realidade total, o Cosmo ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma “criação”: ele relata de que modo algo foi produzido ou começou a ser. (2004: p. 11)

O saci é a narrativa de uma criação. Considerando que seu surgimento aconteceu na época da escravidão, podemos considerá-lo um mito libertário, que representava uma condição social almejada de liberdade.

Como a cultura negra foi a base da sociedade brasileira, a criação do mito, foi importante para a caracterização da cultura popular.

Outro ponto a ser destacado neste mesmo sentido é a forma que ele era retratado como uma criatura diabólica e, que assim, tinha a função de amedrontar, para disciplinar o comportamento, principalmente das crianças.

2.2 Cultura

Marilena Chauí (2000) afirma que não existe apenas uma cultura, o que existe são culturas, no plural.

Talvez pudesse ser dito que um significado para o termo cultura é a representação do saci, já que ele é uma manifestação popular. Mas, essa afirmação nos deixaria com uma definição bastante superficial sobre o que é a cultura. Assim, recorreremos a José Luiz dos Santos, mencionando que

Desde o século passado tem havido preocupações sistemáticas em estudar as culturas humanas, em discutir sobre cultura. Esses estudos se intensificaram na medida em que se aceleravam os contatos, nem sempre pacíficos, entre povos e nações. As preocupações com cultura se voltaram tanto para a compreensão das sociedades modernas e industriais quanto das que iam desaparecendo ou perdendo suas características originais em virtude daqueles contatos. Contudo, toda essa preocupação não produziu uma definição clara e aceita por todos do que seja cultura. (2009: p.21)

Então, para entender o significado de cultura precisamos entender que sua acepção está diretamente relacionada ao desenvolvimento humano e social.

Se a compreensão da cultura exige que se pense nos diversos povos, nações, sociedades e grupos humanos, é porque eles estão em interação. Se não estivessem, não haveria necessidade nem motivo nem ocasião para que se considerasse variedade nenhuma. (SANTOS, 2009: p.5)

Compreendendo os povos, nações, sociedades e grupos humanos, chegaremos à compreensão de nós mesmos. Assim, concordamos com Santos quando ele afirma que “*a discussão sobre cultura pode nos ajudar a pensar sobre nossa própria realidade social*” (2009: p. 9).

As sociedades surgem quando os grupos têm a necessidade de se organizarem e transformarem a vida em sociedade, a fim de superar os conflitos.

Santos (2009) também menciona o aspecto de que a cultura é um conceito fortemente relacionado à alta educação, ou então às manifestações artísticas, ou meios de comunicação de massa ou ainda a festas e cerimônias tradicionais, lendas, crenças, etc.

Outro ponto destacado nessa discussão é quanto ao refinamento cultural, considerado erudito, herança das “*formas de conhecimento dominantes nos Estados nacionais que se formavam na Europa a partir do fim da Idade Média*” (Santos, p. 54), e que reduz a definição de culto ao erudito.

Ainda, com o pensamento de Santos (2009), essa cultura erudita, entretanto, contradizia o conhecimento que a população possuía, e assim, esse conhecimento era considerado “*inferior, atrasado, superado, e que aos poucos passou a ser entendido como uma forma de cultura, a cultura popular*” (p. 54).

Assim, surge um novo entendimento de cultura.

Entende-se então por cultura popular as manifestações culturais dessas classes, manifestações diferentes da cultura dominante, que estão fora de suas instituições, que existem independentemente delas, mesmo suas contemporâneas. (SANTOS, 2009: p. 55)

Já Roque de Barros Laraia (2009) inicia sua discussão acerca do sentido antropológico de cultura, fazendo um levantamento de aspectos biológicos e geográficos da cultura.

Acerca dos aspectos biológicos cita o fenômeno de endoculturação, que é um fenômeno que determina que o comportamento dos indivíduos depende da aprendizagem. Ou seja, não são fatores hormonais que diferenciam os homens das mulheres, mas sim a educação recebida.

No que diz respeito ao aspectos de determinismo geográfico, Laraia afirma que a diversidade cultural é condicionada pelas diferenças do ambiente físico. (2009: p.21)

Como já afirmou Santos (2009), a cultura é um fenômeno estudado, questionado e discutido há tempos. E Laraia apresenta o histórico do termo cultura:

No final do século XVIII e no princípio do seguinte, o termo germânico Kultur era utilizado para simbolizar todos os aspectos culturais de uma comunidade, enquanto a palavra francesa Civilization referia-se principalmente às realizações materiais de um povo. Ambos os termos foram sintetizados por Edward Taylor (1832-1917) no vocábulo inglês Culture, que “tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade. (2009: p. 25)

Ainda, sobre cultura, é importante considerar aspectos relacionados à urbanização das sociedades contemporâneas, fator que também é importante entender para contextualizar o tema deste artigo. Canclini afirma que:

A urbanização predominante nas sociedades contemporâneas se entrelaça com a serialização e o anonimato na produção, com reestruturações da comunicação imaterial (dos meios massivos à telemática) que modificam os vínculos entre o privado e o público. Como explicar que muitas mudanças de pensamento e gostos da vida urbana coincidam com os do meio rural, se não por que as interações comerciais deste com as cidades e a recepção da mídia eletrônica nas casas rurais os conecta diretamente com as inovações modernas? (1997: p. 284)

Um ponto de vista importante para reflexão é o da cultura como ação política. A ação política da cultura está relacionada às questões de concentração de poder. Quais são os parâmetros determinantes de aceitação ou reconhecimento cultural? Quem os determina? Existe “democracia” neste processo, ou ele acontece apenas hegemonicamente? Essas são algumas das muitas perguntas que podemos nos fazer acerca deste tema.

Reconhecer que nem tudo precisa estar sujeito aos poderes hegemônicos, já nos coloca em direção contrária àquilo que domina o pensamento e o entendimento do que é culturalmente correto.

E apesar disso, a contestação e o entendimento desta realidade, ainda é um processo que acontece devagar. A questão não é de haver completa revolta e negação dos processos e políticas culturais. Mas sim de questioná-los para caminhar em direção à construção de políticas que atendam melhor e compreendam a necessidade e adaptações da cultura brasileira. Afinal, modificar a cultura é também é um processo cultural.

Assim, podemos então, tendo levantado, mesmo que apenas alguns, dos muitos conceitos existentes, continuar a reflexão buscando também a contextualização e trabalhando outro conceito: Globalização.

2.3 Globalização

A globalização é um fenômeno que acontece em decorrência de um processo histórico de poder e dominação, relacionado ao poder econômico dos países dominantes.

Octavio Ianni (2002) cita algumas “*conjunturas críticas*” (p. 11) que exerceram grande influência sobre os modos de dominação capitalista, e conseqüentemente sobre o processo de globalização. São: a Primeira Guerra Mundial, a Grande Depressão Econômica Mundial, a Segunda Guerra Mundial, entre outros.

acontecimentos que põe em evidência características básicas das sociedades nacionais, algumas das quais também pouco conhecidas; assim como revelam características das sociedades vistas em âmbito continental. (IANNI, 2002: p. 11)

O capitalismo entra então, como grande vilão na “fábula” da globalização. É por causa dele que são provocados “*constantes e periódicos surtos de expansão*” (IANNI, 2002: p. 55). E são esses surtos de expansão que globalizam o mundo. É importante, entretanto, frisar que a

globalização, e também o capitalismo, são processos históricos, então não se pode interpretá-los brevemente. Eles acontecem em processos de larga duração.

Ianni (2002) cita, também, algumas características da globalização: a primeira é a conversão da energia nuclear como uma poderosa técnica de guerra, a segunda é a revolução da informática, que permite informar, induzir e seduzir em escala jamais alcançada anteriormente; a terceira diz respeito ao fato de o sistema financeiro internacional organizar-se em favor das exigências da economia capitalista mundial, etc.; a quarta característica é sobre as relações econômicas mundiais compreenderem as dinâmicas dos meios de produção, sendo influenciadas pelas organizações, corporações, etc.; a quinta característica é sobre a forma como o capital é reproduzido, recriando relações no mundo inteiro; a sexta é sobre o inglês ter se tornado uma língua universal, pela qual se comunicam países dominantes e dependentes; e a sétima e última característica se refere ao neoliberalismo ter sido aceito como uma ideologia.

Todas essas características da globalização, configurando a sociedade universal, como uma forma de sociedade civil mundial, promovem o deslocamento das coisas, indivíduos e ideias, o desenraizar de uns e outros, uma espécie de desterritorialização generalizada. (IANNI, 2002: p. 58)

A globalização significa então, uma sociedade universal, o que quer dizer que todos fazem parte e têm acesso a tudo, o que pode representar um risco às tradições e vulgarizar alguns aspectos culturais.

Para Renato Ortiz (1994), a “*mundialização da cultura se revela através do cotidiano*” (p. 8) e é um processo inconstante, que está em constante transformação e sendo transformado.

Seria mais convincente compreender a mundialização como processo e totalidade. Processo que se reproduz e se desfaz incessantemente (como toda sociedade) no contexto das disputas e das aspirações divididas pelos atores sociais. Mas que se reveste, no caso que nos interessa, de uma dimensão abrangente, englobando outras formas de organização social: comunidades, etnias e nações. A totalidade penetra as partes no seu âmago, redefinindo-as nas suas especificidades (ORTIZ, 1994: p. 31)

A divisão que se faz, então separando os indivíduos e suas manifestações culturais é uma forma de criar novos campos de reconhecimento e divisão dessas manifestações. Sabemos que atualmente a cultura é largamente difundida por meios tecnológicos. Isso, entretanto, não significa que não existam mais barreiras, fronteiras nem mesmo significa a exclusão total de uma manifestação cultural em detrimento de outras. Ortiz (1994) afirma que “*uma cultura mundializada não implica o aniquilamento das outras manifestações culturais, ela co-habita e se alimenta delas.*” (p. 27). Assim, entendemos que embora a globalização faça com que as culturas sejam absorvidas e modificadas por outras, o que é bom, pois isso impulsiona o crescimento e a evolução cultural.

Ortiz (1994) também considera que a mundialização não seja um fator que prejudica as relações de poder:

Não é tanto o desaparecimento dessas instituições que conta, mas o fato de elas traduzirem uma transformação mais ampla. O ‘fim’ é um sintoma das mudanças ocorridas em nível mundial. Dentro desta perspectiva, faz pouco sentido afirmar que ‘o espaço acabou’, ou ‘as fronteiras não existem mais’. Importa sublinhar, no seio das sociedades globalizadas, sua nova configuração. (ORTIZ, 1994: p. 219)

Para ele, a mundialização faz com que seja necessário o surgimento de uma nova forma de poder, já que havendo uma nova configuração das relações sociais, o limite das fronteiras culturais é rompido, e por isso surgem novas formas de reconhecimento desses limites.

Neste contexto, o mito do saci, é na verdade, uma espécie de termômetro para demonstrar os problemas existentes na preservação da cultura popular brasileira. O enfraquecimento dessa visão é resultado dos problemas sociais existentes.

3. O SACI GLOBALIZADO

Diante de tantas e tão impactantes transformações mundiais, o Saci deslocou-se para outro plano de significação na cultura popular.

A globalização foi misturando culturas, e assim, umas se sobrepuseram a outras.

O mito do Saci está ligado, também, à questão das relações orais. No interior era comum que as pessoas, por não possuírem aparelhos de televisão, se reunissem para contar histórias e passar o tempo. Com a facilidade de aquisição desses aparelhos, esses contatos foram diminuindo, e assim as histórias, antes orais, foram sendo substituídas por outras socialmente “mais bonitas” ou “cultas”, e começaram ou a cair no esquecimento, ou a serem desacreditadas, já que nada daquilo era contado pela televisão, que passou a ocupar o posto de principal fonte de informação e ditadora de padrões de comportamento, então, os assuntos da TV começaram a pautar os momentos de interação social.

Apesar de o Saci ser personagem de um programa de TV infantil, exibido pela Rede Globo, o Sítio do Pica-pau Amarelo, as características do personagem da TV não têm relação direta, a não ser pela aparência, com o Saci arteiro e diabólico retratado no inquérito de Monteiro Lobato, nem do relatado no documentário, que mesmo tendo sido realizado mais recentemente, em 2005, ainda apresenta um Saci com características bastante semelhantes ao de 1917.

Originalmente, o Saci é uma entidade mitológica que vive no mato. Com a expansão capitalista, o mato foi cedendo lugar às estradas, ferrovias, fábricas e com o isso o Saci ficou desabrigado, sendo obrigado a se mudar para a cidade. Essa realocação, entretanto, deixou-o perdido e desamparado. E isso foi mais um fator colaborativo para que ele caísse no esquecimento e fosse superado por outras formas de manifestação cultural.

Mas então, se o Saci representa um pedaço da cultura brasileira, o que aconteceu para que ele fosse substituído?

Neste ponto, podemos retomar a discussão sobre a globalização, relacionando-a ao “enfraquecimento” da representação do Saci como uma das faces da cultura popular brasileira.

E aqui vale frisar que, referindo-se ao Saci, queremos abranger, na verdade, todos os mitos e todas as manifestações culturais brasileiras que passaram e vem passando, por este processo de esquecimento. E, a elaboração de políticas públicas voltadas ao fortalecimento da cultura brasileira seria de útil para combater esse processo de esquecimento, já que ajudaria a resgatar a consciência identitária cultural do povo brasileiro.

Entretanto, podemos nos fazer algumas questões: as políticas públicas estão interessadas em que o povo tenha consciência identitária? E, para citar um conceito de identidade, podemos utilizar Manuel Castells, quando afirma que “entende-se por identidade a fonte de significado e experiência de um povo” (2008, p. 22).

As políticas culturais estão preparadas para lidar com uma “crise” de consciência identitária, já que tendo consciência de sua identidade, os indivíduos facilmente não se reconhecerão, poderão desaprender a somente aceitar o que lhes é oferecido e começar e questionar se aquilo que lhes é apresentado como projetos para políticas públicas lhes atende, já que muitas vezes não consideram essa identidade cultural?

Ainda sobre identidade, sua construção e transformação:

A principal questão, na verdade, diz respeito a como, a partir de quê, por quem e para quê isso acontece. A construção de identidades vale-se da matéria prima fornecida pela história, geografia e biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela matéria coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedade, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espço. (CASTELLS, 2008: p. 23)

As relações de poder foram perdidas, por isso, parece mais fácil deixar levar-se por um mito que não nos representa, do que abrir lugar para um do qual participamos de sua construção.

Existem, entretanto, algumas instituições, que ainda tentam preservar algo do Saci, ressignificando, para um novo entendimento de seu papel social, como a Sociedade dos Observadores de Saci (SOSACI), que é uma associação civil sem fins lucrativos, sediada em São

Luiz do Paraitinga-SP, que procura desenvolver atividades voltadas à valorização da cultura popular e caipira, promovendo a difusão dos valores e raízes culturais do povo brasileiro.

No Estado de São Paulo, a Lei nº 11.669, de 13 de janeiro de 2004, institui que comemora-se no dia 31 de outubro o Dia do Saci. Essa data foi escolhida como forma de manifestar resistência à comemoração do Halloween.

E assim o Saci vai vivendo. Ora fazendo um bico aqui, ora acolá. Com a esperança de um dia poder voltar a viver no interior. Diz-se que aqui em São Paulo tem Saci que vive em quitinete no Parque da Luz, no Centro de São Paulo. E, apesar de usar internet, e assistir televisão, seu passatempo preferido, ainda é pregar peças por aí no meio da noite³.



Ilustração de Vicente Mendonça
Fonte: <http://www.sosaci.org>

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para terminar, vale ressaltar, mais uma vez, que a intenção deste artigo não é discutir políticas públicas especificamente, mas sim, alertar para a importância da elaboração destas para o fortalecimento da cultura popular brasileira.

O Saci, escolhido como representante nesta discussão, representa o esquecimento e a substituição da cultura brasileira por outros símbolos, como, por exemplo, programas de televisão.

No documentário utilizado para coleta de informações, há relatos de pessoas que contam que, antigamente costumavam se reunir para contar histórias, como forma de passatempo e entretenimento, e que os jovens gostavam de sentar para escutar as histórias de seus pais, e que hoje em dia seus filhos não querem ouvir as mesmas histórias, porque eles julgam ser perda de tempo, já que podem assistir programas de TV ao invés de sentar para escutar seus pais.

A relação entre mito, cultura e globalização demonstra como o mito faz parte do processo de construção cultural das sociedades, e que a globalização, apesar de ser, muitas vezes apontada como vilã, pode colaborar para o crescimento e evolução cultural das sociedades, uma vez que proporciona interação entre diferentes culturas.

Entretanto, não parece ser isso o que vem acontecendo com o Saci.

Gradualmente ele está deixando de existir, ou indo para outros lugares onde não é reconhecido como bem da cultura brasileira.

Esse é um problema que ocorre por consequência dos problemas sociais, econômicos e políticos do Brasil. E, para encontrar um caminho para alguma solução, é necessário criar políticas públicas voltadas ao fortalecimento da cultura popular brasileira. Essas políticas públicas são importantes para o reconhecimento e a validação de importância da cultura brasileira e para a perpetuação de uma sociedade consciente de sua identidade e suas raízes, que seja capaz de se desenvolver, apoiando-se em elementos culturais significativos, e formar cidadãos capazes de reconhecer o que é a sua cultura, e separar os elementos que fazem parte de suas vidas e que não os representa culturalmente.

ANEXO

Manifesto do Saci⁴

Um espectro ronda a indústria da cultura. Como já ocorrera durante a I Guerra Mundial – quando os chamados “povos civilizados” se matavam entre si nos campos da Europa, como lembra Monteiro Lobato em seu Inquérito, escrito em 1917 –, o espectro do Saci voltou para dar nó na crina das potências que invadem os outros países com uma “indústria cultural” predadora e orquestrada.

O Saci é reconhecido como uma força da resistência cultural a essa invasão. Na figura simpática e travessa do insigne pernetá, esbarram hoje, impotentes, os x-men, os pokémon, os ralóins e os jogos de guerra, como esbarravam ontem patos assexuados e ratos com orelhas de canguru.

É tempo, pois, do Saci expor abertamente seus objetivos, lançando um manifesto e denunciando o verdadeiro espectro: o espectro do imperialismo cultural. Para tanto, outros expoentes do imaginário cultural brasileiro – como o Boitatá, a Iara, o Curupira e o Mapinguari – reuniram-se e redigiram o presente manifesto.

A cultura popular é um elemento essencial à identidade de um povo. As tentativas insidiosas de apagar do imaginário do povo brasileiro sua cultura, seus mitos, suas lendas, representam a tentativa de destruir a identidade do nosso país. A história de todas as culturas até hoje existentes é a história de opressores e oprimidos. Hoje, como ontem, o Saci apóia, em qualquer lugar e em qualquer tempo, qualquer iniciativa no sentido de contestar a arrogância, a prepotência e a destruição de que é portadora a indústria cultural do império.

O Saci não se reivindica como símbolo único e incontestável da cultura popular brasileira. O Saci trabalha pela união e pelo entendimento das várias iniciativas culturais que devolvam ao nosso povo a valorização de sua identidade cultural. O Saci não dissimula suas opiniões e seus objetivos e proclama, abertamente, que estes só podem ser alcançados por um amplo movimento de resistência cultural, denunciando os malefícios da indústria cultural imperialista. Que ela trem a idéia de uma resistência cultural popular. Nesta, o Saci nada tem a perder a não ser seus grilhões. E tem um mundo a ganhar.

Sacis de todo o Brasil, unamo-nos!

REFERÊNCIAS

- ANDRADE**, Rudá K; **ROCHA**, Sylvio Amaral. *Somos Todos Sacys*. Documentário. São Paulo: Confraria Produções. Disponível em < <http://vimeo.com/11609651>>. Acessado em 19/10/2011.
- CAMPBELL**, Joseph. *O poder do mito*. 25ª Ed. São Paulo: Pallas Athena, 2007.
- CANCLINI**, Néstor Garcia. *Culturas Híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 1997.
- CASCUDO**, Câmara. *Geografia dos mitos Brasileiros*. Ed. Editora Global, 2002.
- CASTELLS**, Manuel. *O Poder da Identidade*. 6ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- CHAUÍ**, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.
- CUNHA**, Antonio Geraldo. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- ELIADE**, Mircea. *Mito e Realidade*. 6ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- GOTO**, Ana Claudia Dale Vedove. *Monteiro Lobato e a pesquisa sobre o Saci-pererê: algumas considerações sobre o mito*. São Paulo: Centro de Comunicação e Letras – Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2008.
- IANNI**, Octavio. *A Sociedade Global*. 10ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- LARAIA**, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- LOBATO**, Monteiro. *O Saci-pererê: resultado de um inquérito*. Rio de Janeiro: Gráfica JB, 1998.
- MEDEIROS**, João Bosco Medeiros. *Redação Científica – a prática de fichamentos, resumos resenhas*. 11ª Ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- NOGUEIRA**, Silas. *Poder, Cultura e Hegemonia: elementos para uma discussão*. Revista Extraprensa. Disponível em < <http://www.usp.br/celacc/ojs/index.php/extraprensa/article/view/epx6-a04/epx6-a04>> Consultado em 10/11/2011.
- SANTOS**, José Luiz dos. *O que é cultura*. 16ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- SEVERINO**, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 23ª Ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- VIEIRA**, Maressa de Freitas. *O saci na tradição local no contexto da mundialização e da diversidade cultural*. Tese. São Paulo: FFLCH-USP, 2009. Disponível em < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-22022010-145342/en.php>>. Acessado em 24/10/2011.

¹ Depoimento extraído do documentário Somos Todos Sacys, de Rudá K. Andrade, 2005.

² Como descrito no depoimento do documentário Somos Todos Sacys.

³ Informação relatada pelo próprio Saci à autora.

⁴ Integralmente extraído do site <<http://www.sosaci.org/oi-nois-aqui.htm>> Acesso em 23/04/2012.